

CARTAS ESCOLHIDAS (MICHELANGELO – EDIÇÃO DE MARIA BERBARA)

Elisa Byington Salles

Resenha de BUONARROTI, Michelangelo. *Cartas escolhidas*: prefácio, seleção, tradução e notas de Maria Berbara. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

O Renascimento italiano produziu reflexão muito precoce sobre o próprio fazer artístico e o estudo dessas fontes literárias tem sido de inestimável valor para maior compreensão e fruição da arte do período. A coleção A palavra da arte, dirigida por Luiz Marques, que ora publica esta seleção de cartas de Michelangelo Buonarroti, nasceu com o propósito de divulgar no Brasil tais textos, assim como outros dos séculos seguintes sobre a chamada tradição clássica, da qual o Renascimento é provavelmente seu momento mais criativo.

Ao contrário de Leonardo, como é sabido, Michelangelo não deixou escritos teóricos que atestem suas concepções artísticas. As ideias e reflexões nutridas por ele a respeito da beleza e da arte ficaram registradas sobretudo na extraordinária produção poética que fazem deste escultor, pintor e arquiteto, um dos maiores poetas italianos do século XVI. Chamado de “divino” ainda em vida, o artista foi objeto de vasta literatura encomiástica produzida pelos humanistas ilustres que se exercitavam nos registros mais cultos, com o intuito de verificar o alcance da própria eloquência em confronto com a produção visual do gênio consagrado. Mas se as cartas que lhe destinavam, urdidas com hipérboles impensáveis, tinham tal público objetivo, e foram publicadas por seus autores em coletâneas imediatamente contemporâneas, as respostas de Michelangelo, mesmo em tais casos, mesmo quando responde a desabridos elogios por parte de reis e príncipes, chama a atenção pela sobriedade e pela sutil ironia que o deixam substancialmente imune à vaidade mundana.

Na apresentação do belo trabalho realizado pela historiadora Maria Berbara, Luiz Marques, estudioso do gênio florentino, afirma que

[...] se de todo o conjunto de testemunhos escritos sobre Michelangelo se tivessem conservado somente as cartas, bastariam elas para obter um relato íntegro da formidável potência de sua personalidade, da intensidade e ao mesmo tempo da fragilidade da sua existência. [...] O que elas fornecem de mais precioso e insubstituível é a presença de Michelangelo – diz Marques –, presença pulsante de um temperamento que se transmite com a imediatividade de uma descarga elétrica.

Trata-se efetivamente de privilégio que tais testemunhos tenham se conservado. Os estudiosos contam hoje com aproximadamente 1.400 cartas escritas e recebidas por Michelangelo, cuja edição crítica realizada por Paola Barocchi e Paolo Ristori foi publicada em cinco volumes, fruto de minucioso estudo filológico, segundo a metodologia que tem caracterizado os estudos das fontes de história da arte dirigidos pela estudiosa da Universidade de Pisa. A estes cinco volumes de correspondência direta, somam-se dois volumes de correspondência indireta, cartas de amigos e familiares, em que o artista é mencionado. Um conjunto imponente que, além de fazer pulsar a personalidade do artista, é capaz de reconstruir capilarmente a trama de relações nas quais ele estava inserido, a cronologia de numerosos fatos, o contexto de sua vida e obra.

Neste universo epistolográfico com o qual se defronta o pesquisador, a seleção de 72 cartas feita por Maria Berbara é especialmente acertada, pois identifica aspectos nodais e, em suas escolhas, abrange momentos cruciais ao longo de quase sessenta anos de atividade do mestre. Estas registram os acontecimentos e mudanças na vida de Michelangelo que precocemente passa a ser provedor de sua família; o tormento das cobranças relativas à conclusão do túmulo de Júlio II que o acompanhou ao longo de mais de três décadas; as dificuldades envolvidas na realização dos grandes projetos escultóricos que ele acabou por não poder completar; a afirmação como pintor na Capela Sistina; o amor por Tommaso Cavalieri e por Vittoria Colonna; os principais afetos e desafetos; a preocupação em recuperar o prestígio da sua origem familiar; a religiosidade atormentada dos últimos anos. A escolha das cartas, a precisão das notas, a pontual identificação dos personagens e das situações, a concisão bem informada e atualizada da contextualização histórico-artística em notas biográficas que precedem e apresentam cada grupo de cartas, demonstram consciência da singularidade de tal patrimônio por parte da historiadora, assim como sua preocupação com a fruição do mesmo por um público não apenas de especialistas.

O livro consta de um pequeno dicionário biográfico dos principais personagens mencionados, da árvore genealógica dos Buonarroti e da árvore genealógica da família Medici, de uma cronologia das principais obras de Michelangelo, da lista cronológica dos papas durante os cem anos cruciais do Renascimento, além de uma meditada seleção bibliográfica e de um pequeno glossário de termos italianos, postos como apêndice no final do volume. A tradução rigorosa e sensível atinge o difícil objetivo de transpor para o português a língua coloquial florentina do século XVI, aproximando-a da nossa o suficiente para que possa ser lida com fluência e guardando a distância necessária a preservar sua condição histórica. Um equilíbrio difícil que requer averiguação permanente ao longo da trajetória, palavra por palavra, frase por frase, sendo por vezes necessário fabricar uma correspondência a partir de fontes renascentistas portuguesas. No laborioso

processo, a autora afirma a fidelidade ao texto original como prioridade absoluta, sem recorrer a artifícios de diversificação vocabular que embelezariam a língua atribuindo-lhe preocupação estilística inexistente no original.

A despreocupação estética não significa, no entanto, que as cartas sejam mal escritas, muito pelo contrário. Mas a distinção é importante porque o autor, quando assim o quer, emprega linguagem marcadamente poética, como no caso de Vittoria Colonna, ou mesmo repleta de metáforas amorosas, como no caso das cartas endereçadas a Tommaso Cavalieri. No restante, as cartas de Michelangelo não pertencem ao gênero literário, tão em voga no período, a exemplo de Baldassare Castiglione ou Pietro Aretino, para citar apenas dois exemplos entre os mais ilustres. São cartas particulares, sem intenção de publicação póstuma, nas quais seu estilo é informativo, direto, seco, pragmático, como observa Barbara. Elas tampouco são confessionais, apesar de registrarem a frequente mortificação e as parcas condições de vida do seu autor, às vezes em tom dramático.

Além de testemunharem o orgulho e a afirmação da dignidade profissional do artista, as cartas de Michelangelo são reveladoras da fadiga permanente que condicionava a realização do trabalho, o necessário pragmatismo e organização do artista para a resolução de uma infinidade de problemas: desde a negociação dos vários aspectos do contrato até os problemas para a extração dos blocos de mármore, o seguro e transporte do material das montanhas ao local de destino, o que às vezes implicava na construção de estradas sob sua supervisão, assim como na compra de terreno e na construção de depósitos para armazenar o mármore e poder finalmente esculpi-lo. Um percurso de paciência e obstinação que não raro era interrompido por mudanças políticas, por guerras ou pela morte do mecenas.

Apesar de nos últimos anos de sua vida o artista ter dado fogo aos moldes e rascunhos preparatórios, base do processo criativo, e de ter alimentado de muitas maneiras o mito do gênio autodidata, as cartas deixam aflorar o esforço constante que lhe era exigido para estar à altura dos desafios. Nada que lhe retire a legítima atribuição de gênio, longe disso. Mas apenas o testemunho do empenho e do duro trabalho que estava na base de tudo aquilo.

As ilustrações postas no final do livro completam o quadro de um possível roteiro autobiográfico através das cartas. A autora reproduz em fac-símile algumas cartas autógrafas, o soneto com a caricatura de si próprio, nariz para o alto, pintando a abóbada da Capela Sistina, os possíveis autorretratos do mestre na pele de São Bartolomeu no *Juízo Final*, trinta anos depois, na mesma Capela Sistina, no papel de Saulo chamado por Deus na parede da Capela Paolina, sua última obra pictórica, ou no papel de Nicodemo na *Pietà Rondanini*, derradeira obra que, segundo Giorgio Vasari, Michelangelo desejava para o próprio túmulo.

MINICURRÍCULO:

Elisa Byington se formou em sociologia na PUC-Rio e em História da Arte na Universidade de Roma – La Sapienza, onde se dedicou ao estudo da obra de Giorgio Vasari, primeiro historiador do Renascimento italiano. Autora dos livros *Galleria Borghese: os tesouros do Cardeal* (2000), *Palazzo Pamphilj* (2001) e *O projeto do Renascimento* (2009), colabora periodicamente com ensaios e artigos sobre arte clássica e contemporânea em revistas especializadas. Mora na Itália desde 1986.